

Quem te viu

Quem te vê. O Congresso Nacional ferve de atividade. O grande corredor do plenário das comissões, no Anexo III da Câmara dos Deputados, transformou-se em um circo de múltiplos picadeiros, cada um com um número melhor que o outro. Justifica a observação do paulista Aluísio Nunes, que diz ser o Congresso melhor que a Disney World para quem gosta de política. Ao longo da semana, por lá passaram quase todos os ministros, inúmeros ex-ministros, notáveis variados e até 200 índios de cocar na cabeça.

Quinta-feira, na reunião conjunta das comissões do Trabalho e da Seguridade Social quatro ex-ministros da Previdência traziam as suas opiniões e experiência ao debate sobre a emenda constitucional proposta pelo governo. Na comissão que examina a quebra do monopólio das telecomunicações, o ex-ministro e ex-presidente da Embratel, Renato Archer, defendia a permanência do sistema atual. A bancada governista, favorável à quebra do monopólio, cometeu a imprudência de trazer o presidente de uma empresa privada, a Central Telefônica Brasil Central (CTBC). Apertado, ele confessou que a sua empresa não pagava imposto de renda. Disse que não o fazia por não ter lucros. Arthur Virgílio Neto, PSDB-AM, vice-líder de seu partido e representante da frente governista, interrompeu.

O senhor respeite a inteligência dos deputados. Vai acabar por me convencer da inviabilidade da privatização. Como é que uma empresa que atua no setor mais dinâmico da economia e em uma área em acelerado crescimento não tem lucros?

O debate sobre a reforma da Previdência tampouco favoreceu o governo. Jáder Barbalho, líder do PMDB no Senado, começou o seu depoimento declarando que não

podia examinar as propostas nem sob a óptica partidária, nem sob a óptica governista. Como estariam decidindo sobre a aposentadoria de quem ainda está a década de receber o benefício, o problema deveria ser tratado na perspectiva de longo prazo. Pessoalmente, é contra a aposentadoria por tempo de serviço e contra as aposentadorias especiais. Mas é crítico de vários outros pontos da proposta. O ex-ministro Waldyr Pires também criticou as pretensões governamentais. Paralelamente, relatou que o seu pedido de recontagem das eleições para senador na Bahia, obstaculizado pelo PFL por seis meses, deveria chegar ao TSE na próxima semana. Garante que houve fraude e promete voltar a Brasília. Caso as suas previsões se confirmem, o julgamento terá repercussões sobre a correlação de forças entre os partidos governistas.

Enquanto isso, no plenário da Câmara, onde, com uma tenacidade à Ulysses Guimarães, José Sarney presidia, pelo segundo dia consecutivo, uma sessão conjunta do Congresso, havia 450 deputados presentes e quase todos os senadores. As votações se sucederam rapidamente, liquidando assuntos em suspenso há meses, alguns há anos. Mais uma vez, o governo sofreu uma derrota pesada, derrotado pelo mutirão do calote, organizado pelos grandes fazendeiros.

Um vice-líder do governo, que pediu anonimato, confidenciou: "Para dar ordem na bancada governista, é preciso que se saiba quem fala pelo presidente. Ter quatro líderes, como hoje, é suicídio".

Deputados e senadores estão com o freio nos dentes. Não só querem trabalhar, como preferem ser convencidos a obedecer. A mudança é radical.

CORREIO BRAZILIENSE

5661 RDV 800